



ARTIGO ORIGINAL

GAROTAS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA: REDE SOCIOAFETIVA E RESILIÊNCIA*

HOMELESS TEEN GIRLS: SOCIAL-AFFECTIVE NETWORK AND RESILIENCE*

CHICAS ADOLESCENTES EN LA SITUACIÓN DE LA CALLE: RED SOCIAL-AFECTIVA Y RESILIENCIA*

Elizabeth Cordeiro Fernandes¹, Gilliatt Hanois Falbo-Neto², Maria Gorete Lucena de Vasconcelos³, Maria de Fátima de Souza Santos⁴

RESUMO

Objetivo: conhecer a rede socioafetiva de garotas adolescentes em situação de rua e sua influência na resiliência. **Método:** trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, exploratório, observacional, transversal com 25 garotas adolescentes entre os 10 aos-17 anos acolhidas em um abrigo municipal. Coletaram-se dados com o Mapa dos Cinco Campos, conforme a perspectiva da Bioecologia do Desenvolvimento Humano. Utilizou-se a estatística descritiva e inferencial com 95% de confiança. **Resultados:** encontraram-se média de idade de 14 anos e tempo médio nas ruas de dois anos; destacaram-se os campos *Abrigos*, *Família* e *Rua*. Obtiveram-se mais relacionamentos satisfatórios em *Abrigos*, ressaltando-se os educadores no apoio à ressocialização. Mostrou-se a *Rua* impulsora de solidariedade para a sobrevivência, mas espaço de violência interpessoal e de delitos. Percebeu-se lacuna na atuação da *Escola*. **Conclusão:** concluiu-se que a rede socioafetiva mostrou-se disfuncional, limitando o potencial de resiliência das adolescentes. **Descritores:** Adolescente; Ecologia Humana; Jovens em Situação de Rua; Rede Social; Resiliência Psicológica; Violência.

ABSTRACT

Objective: to know the social-affective network of street girls and their influence on resilience. **Method:** this is a quantitative, descriptive, exploratory, observational, cross-sectional study of 25 adolescent girls aged 10-17 in a municipal shelter. Data were collected with the Map of the Five Fields, according to the perspective of Human Development Bio-ecology. Descriptive and inferential statistics with 95% confidence were used. **Results:** the average age was 14 years and the average time on the streets was two years; stood out the fields Shelters, Family and Street. More satisfactory relationships were obtained in Shelters, emphasizing educators in supporting resocialization. The street was shown to be a driving force for solidarity for survival, but a space for interpersonal violence and crime. There was a gap in the performance of the school. **Conclusion:** it was concluded that the socio-affective network was dysfunctional, limiting the resilience potential of adolescent. **Descriptors:** Adolescent; Homeless Youth; Human Ecology; Psychological Resilience; Social Networking; Violence.

RESUMEN

Objetivo: conocer la red socioafectiva de las niñas de la calle y su influencia en la resiliencia. **Método:** este es un estudio cuantitativo, descriptivo, exploratorio, observacional, transversal de 25 adolescentes de 10-17 años en un albergue municipal. Los datos fueron recolectados con el Mapa de los Cinco Campos, de acuerdo con la perspectiva de la Bioecología del Desarrollo Humano. Se utilizaron estadísticas descriptivas e inferenciales con un 95% de confianza. **Resultados:** la edad promedio fue de 14 años y el tiempo promedio en la calle fue de dos años; se destacaron los campos *Refugios*, *Familia* y *Calle*. Se obtuvieron relaciones más satisfactorias en los *Refugios*, enfatizando a los educadores en el apoyo a la resocialización. Se demostró que la calle era una fuerza impulsora de la solidaridad para la supervivencia, pero un espacio para la violencia y el crimen interpersonales. Hubo una brecha en el desempeño de la *Escuela*. **Conclusión:** se concluyó que la red socioafectiva era disfuncional, limitando el potencial de resiliencia de las adolescentes. **Descriptor:** Adolescente; Ecología Humana; Jóvenes sin Hogar; Red Social; Resiliencia Psicológica, Violencia.

^{1,3,4}Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Brasil. ¹ <https://orcid.org/0000-0002-1416-2831> ³ <https://orcid.org/0000-0001-7226-1646> ⁴ <https://orcid.org/0000-0001-5213-9491> ²Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira/IMIP. Recife (PE), Brasil. ² <https://orcid.org/0000-0003-4618-2084>

*Artigo extraído da tese << Perdas, danos e recomeços: Resiliência de garotas adolescentes em situação de rua - uma perspectiva bioecológica >>. Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira /IMIP. 2011.

Como citar este artigo

Fernandes EC, Falbo-Neto GH, Vasconcelos MGL, Santos MFS. Garotas adolescentes em situação de rua: rede socioafetiva e resiliência. Rev enferm UFPE on line. 2019;13:e242969 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242969>

INTRODUÇÃO

Observa-se que, desde os anos 1950, as pesquisas sobre comportamento humano em situações adversas passaram a focalizar tanto as características pessoais dos indivíduos quanto as situações ambientais onde transitam.¹ Iniciaram-se tais estudos no campo da Sociologia, resultando no conceito de resiliência humana, construído que posteriormente se inseriu nas pesquisas e práticas de saúde.²

Considera-se, após diversas evoluções do conceito, que resiliência é a capacidade de o indivíduo desenvolver adaptação positiva e obter superação, apesar das situações adversas vivenciadas. Trata-se de um processo dinâmico decorrente da interação de fatores genéticos, em parte, determinantes do temperamento, com fatores ambientais diversos, positivos ou de risco, tanto individuais quanto coletivos.¹⁻²

Denominam-se riscos ou adversidades as características individuais ou comunitárias que elevam a chance de ocorrer um problema físico ou psicossocial. Encontram-se, nessa categoria, as habilidades cognitivas ou sociais limitadas, uma família disfuncional, abuso de psicoativos, violência parental ou comunitária, pobreza extrema, perda de entes queridos e rede ineficaz de apoio socioafetivo.³⁻⁴

Reduzem-se os efeitos das adversidades com os fatores de proteção, estes constituindo-se por atributos individuais ou ambientais. Destacam-se, dentre os individuais, o controle dos impulsos, uma elevada autoestima, empatia, boa habilidade cognitiva, autonomia, capacidade de solucionar problemas, projeto de futuro e competência social. Consideram-se fatores ambientais protetivos as relações saudáveis em diversos contextos, a certeza de carinho e atenção e poder contar com eficiente rede de apoio socioafetivo, dentre outros.^{1,3-4}

Observam-se, com mais clareza, as interações entre os fatores positivos e os de risco por meio da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH)⁵.

Verifica-se, segundo o modelo dessa teoria, que o desenvolvimento humano decorre da interação recíproca e contínua entre indivíduo e os

ambientes em que ele vive, constituindo-se quatro pilares básicos: *Pessoa, Processo, Contexto e Tempo*, cujas características detalham-se a seguir.⁵

1. *Pessoa*: refere-se às características individuais que surgem, evoluem ou mudam pela interação com elementos ambientais, sendo contribuinte do próprio desenvolvimento do indivíduo;⁵

2. *Processo*: trata-se de mecanismos psíquicos inerentes aos relacionamentos interpessoais e à dimensão social, a qual permite assimilar valores culturais, contribuindo para a construção da identidade e estilos de vida;⁵

3. *Contexto*: refere-se ao ambiente onde o sujeito se insere, concebendo-se, segundo Bronfenbrenner,⁵ como estruturas encaixadas umas nas outras (Figura 1). Verificam-se, no ambiente mais próximo do indivíduo, ou *Microsistema*, atividades e interações cada vez mais complexas, diversos papéis e importantes relacionamentos interpessoais, estes denominando-se também *processos proximais*. Encontram-se, nesse contexto central, o indivíduo e a família nuclear com suas figuras de modelos, símbolos e linguagem.⁵

Segue-se o próximo contexto, *Mesosistema*, como um conjunto de *microespaços* nos quais a pessoa em desenvolvimento transita e está inserida em certo momento. Constitui-se pela família extensiva, vizinhança, escola, amigos, igreja, trabalho, segurança ou violência do ambiente. Encontra-se, em seguida, o *Exossistema*, no qual a pessoa não se insere diretamente, mas cujo funcionamento age diretamente no indivíduo e na comunidade, como as políticas públicas e a rede de apoio socioafetivo. Localiza-se, em seguida, o sistema mais amplo, *Macrossistema*, englobando os anteriores e constituindo-se por ideologias, valores culturais, crenças, paz ou guerra da nação.⁵

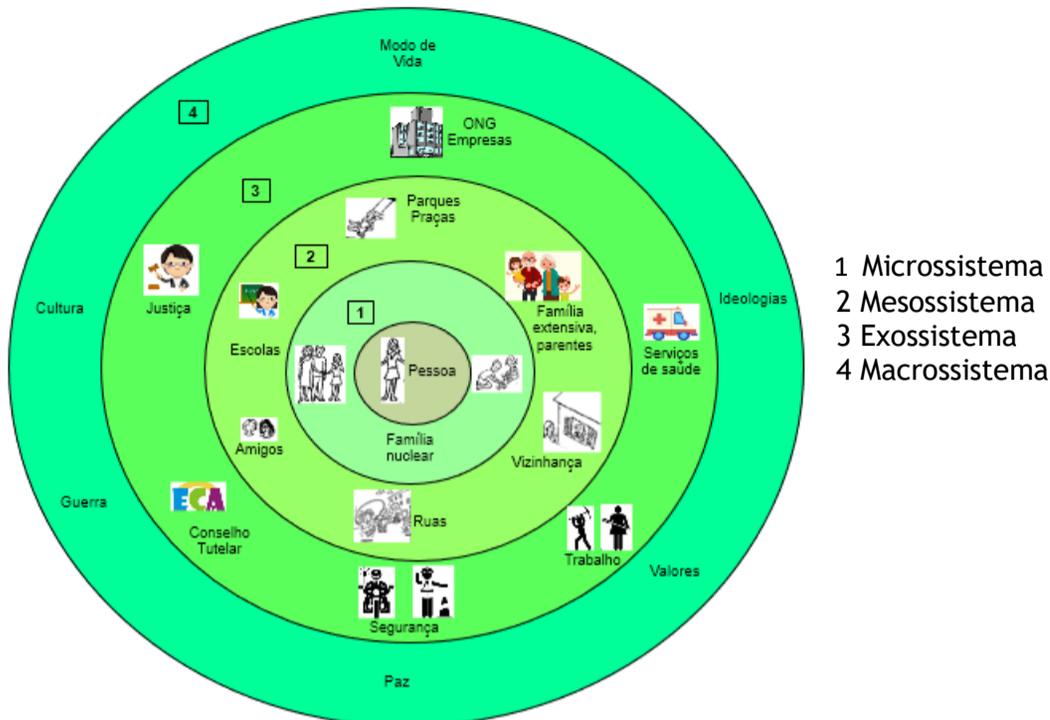


Figura 1. Estruturas do contexto na bioecologia do desenvolvimento. Fonte: Elaborada pelos autores adaptada.⁵

4. *Tempo*: trata-se do último componente da Teoria Bioecológica, que se refere à duração rápida e intermitente de eventos ou relacionamentos (*microtempo*), passando por acontecimentos com periodicidade e rotina em dias e semanas (*mesotempo*), até a historicidade prolongada, desde a infância até expectativas futuras, incluindo-se os comportamentos que se repetem ou evoluem de uma a outra geração (*macrotempo*).⁵

Denomina-se rede de apoio socioafetivo, partícipe da Bioecologia Humana, o conjunto de pessoas, instituições e sistemas significativos, laços afetivos construídos e percebidos pelo indivíduo. Apresenta-se com dimensão dinâmica, mudando ao longo do tempo, a partir de trocas afetivas e diversidade de papéis, como alteração de poder, respeito mútuo e atuações do indivíduo ao longo da sua vida.⁶ Inserem-se, nessa rede, os vínculos da família nuclear com parentes e amigos, conexão com adultos significativos e instituições como escolas e abrigos.⁴⁻⁶

Sabe-se que uma rede de apoio bem constituída pode catalisar a função de empoderar o enfrentamento (*coping*) das adversidades, mesmo em condições muito nefastas e em populações de grande vulnerabilidade.⁴⁻⁶

Encontram-se, dentre as multidões muito vulneráveis, as crianças e adolescentes, que fazem das ruas seu principal contexto de vida, denominando-se, por isso, “em situação de rua”. Calcula-se que sua prevalência mundial seja cerca de 150 milhões, sendo maior nos países subdesenvolvidos ou nos emergentes.⁷

Verificam-se diversos e complexos fatores contribuintes para o afastamento de casa: família disfuncional; violências; abuso de psicoativos; perda de genitor (a); busca de trabalho informal,

podendo-se manter, ou não, algum vínculo com o núcleo familiar.^{4,8}

Encontram-se poucas referências sobre crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil. Pesquisaram-se, em 2010, no Primeiro Censo Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua, 75 cidades, incluindo-se todas as capitais brasileiras. Contabilizou-se o total de 23.973 indivíduos, dos quais 627 se concentravam em Pernambuco, onde se destacaram o gênero masculino (71,8%), idades entre 12 e 15 anos (45,13%), quase metade autodeclarava-se parda ou morena e a grande maioria mantinha algum vínculo familiar.⁹

Identificaram-se, em dezembro de 2018, pelos autores deste estudo, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), 202 artigos nacionais com essa temática, considerando-se os últimos 15 anos, sendo que apenas sete se referiam ao Nordeste. Percebe-se, então, a importância de mais pesquisas sobre tal população.

OBJETIVO

- Conhecer a rede socioafetiva de garotas adolescentes em situação de rua e sua influência na resiliência.

MÉTODO

Trata-se de estudo transversal, descritivo, exploratório, observacional, quantitativo. Realizou-se em abrigo municipal de Recife, metrópole do Nordeste brasileiro, onde se acolham voluntariamente garotas adolescentes em situação de rua entre 12 a 17 anos. Objetivava-se a reinserção familiar e social, havendo cerca de 90 casos novos ao ano (Instituto de Assistência Social de Recife, documento interno). Permitiam-se, eventualmente, garotas mais novas para que irmãs permanecessem juntas,

conforme o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).¹⁰

Efetou-se o estudo com amostra por conveniência, considerando-se elegíveis as garotas abrangidas entre setembro de 2009 a janeiro de 2010, com trajetória nas ruas por, pelo menos, um mês. Excluíram-se as resguardadas na casa por outros motivos e aquelas sob efeito de psicoativos no momento da pesquisa. Investigou-se cada participante uma única vez, individualmente e em sala privativa.

Utilizou-se um questionário semiestruturado para a coleta das variáveis sociodemográficas e avaliou-se a rede socioafetiva pelo Mapa dos Cinco Campos (MCC).¹¹ Trata-se de um quadro de feltro com diagrama de seis círculos concêntricos divididos em cinco campos, representando os contextos *Família, Amigos, Parentes, Escola, Outros locais*. Acrescentou-se o campo *Abrigos* e reuniram-se *Amigos e Parentes*¹² para crianças brasileiras socialmente vulneráveis, mantendo-se os cinco espaços ou contextos (Figura 2, no item *Resultados*).

Realizou-se o MCC com imagens representativas de adultos, adolescentes e crianças, impressas em fichas com base de velcro, sendo colocadas nos campos conforme a escolha da participante, representada por figura no centro do quadro. Compreendem-se, o primeiro e segundo níveis enquanto relações mais próximas, o terceiro e o quarto correspondentes às mais distantes e o último nível, aos contatos rompidos.¹¹ Solicitou-se, à participante, indicar satisfação ou insatisfação com as pessoas representadas.

Baseou-se a avaliação quantitativa do MCC na frequência de pessoas no mapa total, nos níveis e em cada campo, além da frequência por faixa etária (adulto, adolescente, criança). Consideram-se, para proceder à avaliação qualitativa: a) a frequência das relações com satisfação e com rompimentos; b) a citação das figuras parentais (mãe, pai, substitutos); c) o *fator de Proximidade* (FP), representante do grau de vinculação da pessoa participante com as pessoas citadas.¹¹

Calculou-se o FP de cada campo por meio das seguintes operações: multiplicou-se por oito o número de pessoas citadas no primeiro nível e por quatro, as colocadas do segundo nível; multiplicou-se por dois o número de pessoas representadas no terceiro nível, no quarto nível, por um e no quinto, multiplicou-se por zero. Obteve-se o FP de cada campo dividindo-se o somatório deste cálculo pelo número de pessoas no campo respectivo. Calculou-se o FP total do mapa por meio do somatório de todos os cinco campos. Sabe-se que, quanto maior o valor desse fator, maior a citação de relacionamentos interpessoais positivos no contexto respectivo.¹¹

Executou-se a apuração do banco de dados e tabularam-se os resultados. Utilizaram-se, na análise descritiva e inferencial, os *softwares* Epi-

Info, versão 3.5.3, e SPSS, 13.0, ambos para *Windows*, e o *Excel* 2011. Apresentaram-se as variáveis sociodemográficas em frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e de dispersão. Empregaram-se o teste qui-quadrado e qui-quadrado *for Trend* para verificar a existência de diferenças entre as variáveis categóricas. Realizou-se a comparação com mais de dois grupos de variáveis com o Teste de Kruskal Wallis para a distribuição não normal. Aplicou-se o Teste de Correlação de Spearman para verificar a existência de correlação entre variáveis independentes de interesse com o FP. Considerou-se o intervalo de confiança de 95% em todos os testes aplicados (nível de significância de 0,05).

Obtiveram-se a autorização do Instituto de Assistência Social da Prefeitura do Recife e a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira, Imip, em Recife, sob o protocolo N.º 1497-09. Seguiram-se as normas da Resolução 196/96 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), atualizadas pela Resolução 466/12. Obteve-se, de cada participante, um Termo de Assentimento e, para garantir o sigilo, deram-se codinomes. Disponibilizaram-se os recursos da Unidade de Saúde do bairro para todas, participantes ou não, do estudo.

RESULTADOS

Recusaram-se a participar quatro adolescentes e excluiu-se uma por dúvida se era maior de idade. Finalizou-se a amostra com 25 garotas cujas principais características encontram-se distribuídas na tabela 1. Verificou-se uma média de idade de 14,2 anos; a maioria autoidentificou-se como de cores parda (70,8%) e preta (20,8%) e a maior procedência era da área metropolitana de Recife (76,0%). Observou-se escolaridade média em torno de quatro anos de estudo.

Registrou-se, em relação à idade de saída do lar, a maioria entre nove a 12 anos (70,8%), atribuindo-se, como principal motivo de evasão, a violência doméstica (56,0%), especialmente, apanhar da mãe e também dos irmãos ou do padrasto. Citaram-se, ainda, brigas domésticas, busca de liberdade, abandono do lar pela mãe, expulsão de casa, acompanhar uma irmã usuária de *crack*.

Referiu-se abuso sexual por oito adolescentes, perpetrado por padrasto (seis casos) ou tio, porém, não sendo o motivo da evasão. Registrou-se tempo nas ruas entre cinco meses a sete anos, com média de dois anos.

Pontuou-se o uso de psicoativos, lícitos ou ilícitos, na quase totalidade das participantes (21 dentre as 25), predominando o tabaco (95,2%), *crack* (71,4%), solventes (cola, "loló"; 66,7%) e maconha (57,1%), porém, referiu-se uso de álcool em apenas seis casos. Citou-se, ainda, o

misturado, segundo elas, um composto de maconha e cocaína ou maconha com *crack*. Apontou-se o uso simultâneo de mais de uma substância em todas as usuárias.

Encontrou-se atividade sexual em quase todas (22/25) e a maioria classificou-se com orientação

heterossexual (86,3%). Registraram-se, em relação à saúde reprodutiva, quatro gestantes, três mães, dois abortamentos inseguros e uma suspeita de gravidez.

Tabela 1. Distribuição das adolescentes conforme faixa etária, cor, procedência, escolaridade, idade e motivos de evasão do lar, tempo nas ruas, uso de psicoativos, orientação sexual e saúde reprodutiva. Recife (PE), Brasil, 2010.

Características	N	%	Média e DP
Faixa etária (anos)			14,2±3,1
10-13	8	32,0	
14-17	17	68,0	
Cor autorreferida ^a			
Parda	17	70,8	
Preta	5	20,8	
Branca	2	8,4	
Procedência			
Recife	19	76,0	
Interior	5	20,0	
Outro Estado	1	4,0	
Anos de estudo			
2-5	17	68,0	4,2±1,9
6-8	6	24,0	
Não estudava	2	8,0	
Idade na evasão do lar (anos) ^b			
9-12	17	70,8	1,4 +/- 2,8
13-15	7	29,2	
Tempo nas ruas			
< 2 anos	12	48,0	2,2±1,8
≥ 2 anos	13	52,0	
Motivos da evasão do lar ^c			
Apanhar de familiares ^d	14	56,0	
Busca de liberdade	3	12,0	
Brigas em casa	2	8,0	
Ficar com irmã na rua	2	8,0	
Outro ^e	6	24,0	
Uso de psicoativos ^f			
Uso simultâneo	21	100,0	
Tabaco	20	95,2	
Crack	15	71,4	
Solvente	14	66,7	
Maconha	12	57,1	
Álcool	6	28,5	
Outro ^g	4	19,0	
Orientação Sexual Autorreferida ^h			
Heterossexual	19	86,3	
Bissexual	3	13,7	
Saúde reprodutiva			
Gestante	4	18,2	
Mãe	3	13,6	
Aborto inseguro	2	9,1	
Suspeita de gravidez	1	4,5	

^aUma não respondeu. ^bUma não lembrava. ^cHouve dois motivos simultâneos. ^dMãe(6); Irmãos(5); padrasto(3). ^eMorte de avó(1); Companheiro expulsou (1); Ausência de energia elétrica em casa (1); Preferia lugares com muita gente (1). ^fRelativo às 21 adolescentes usuárias. ^gMisturado (4 - maconha com cocaína ou maconha com *crack*). ^hRelativo às 22 adolescentes sexualmente ativas.

Notou-se elevado índice de evasão nos diversos abrigos por onde as adolescentes transitavam, algumas com mais de 20 entradas e saídas. Referiu-se, como principal causa dessa evasão, a busca por drogas (75,0%), mas também a ausência de ensino profissionalizante e a descontinuidade das atividades de arte, como pintura ou dança popular.

Revelou-se, na mais frequente composição da família de origem, a presença de mãe e filhos (28,0%), seguindo-se de lares reconstituídos (24,0%). Registraram-se, em média, cinco filhos por família e muitos parentes agregados, exemplificando-se por avós, tias e primos.

Registrrou-se, quanto à figura paterna, que mais da metade das adolescentes (13/25) não conhecia

o pai, cinco não se mantinham em contato com o genitor e oito pais encontravam-se falecidos, a maioria por acidentes de trânsito e homicídios. Assinalaram-se, em relação à figura materna, cinco mães falecidas por “doença”, duas sem contato com a filha e uma genitora usuária de crack. Anotaram-se, como ocupações desses genitores, o comércio informal e empregos pouco qualificados.

Iniciou-se a elaboração do MCC, pela maioria das participantes, no campo *Família* (56,0%), seguindo-se de *Rua* (16,0%), enquanto os campos *Amigos/Parentes* e *Abrigos* mostraram-se no empate da terceira escolha (12,0% cada), sendo a *Escola* o primeiro campo em apenas um caso.

Citaram-se 1096 pessoas no total da rede socioafetiva (Tabela 2), com média de 43,8 ($\pm 24,5$) por adolescente. Registrou-se maior frequência de citações em *Abrigo* (25,6%), seguindo-se de *Família* (21,1%) e *Rua* (18,1%), sendo as menores representações em *Escola* (17,9%) e *Parentes/Amigos* (17,3%), com diferenças estatisticamente significativas (qui-quadrado *for trend*, $X^2T=26.85$; $p=0.001$).

Verificou-se, quanto à faixa etária das pessoas no mapa, mais representações de adultos, especialmente em *Abrigo* (146; 27,1%) e *Família* (120; 22,3%); apontaram-se os pares principalmente em *Abrigo* (129-27,7%), *Rua* (109-23,4%) e *Escola* (20,9%), e a maior representação de crianças em *Família* (51,1%). Encontrou-se significância estatística para tais diferenças ($X^2T = 30,79$ em adultos; $X^2T = 40,21$ em adolescentes e

$X^2T = 58,63$ para crianças; $p < 0,001$ nessas três categorias).

Encontrou-se, na estruturação do MCC (Tabela2), *mãe* como a primeira pessoa mais citada no total do grupo (28,0%), sendo também a mais representada no campo *Família* (56,0%), enquanto, em *Abrigo*, foram as educadoras (54,2%). Percebeu-se, no espaço *Rua*, igual referência (40,0%) a amizades com adolescentes e com adultos, enquanto se destacaram tias (30,6%) no campo *Amigos e Parentes*, ressaltando-se as professoras (59,1%) no espaço *Escola*. Registrou-se significação estatística para tais diferenças, exceto no campo *Amigos/Parentes* ($X^2T=2.69$; $p=0.100$).

Analisou-se a funcionalidade da rede socioafetiva conforme os seguintes itens: a) grau de proximidade dos genitores; b) qualidade dos relacionamentos; c) número de pessoas por nível nos campos; d) Fator de Proximidade por campo.

Registrou-se, quanto à proximidade dos genitores (item a), que a *mãe* se articulava com elevada frequência de satisfação (88,0%), sendo representada quase sempre no primeiro nível de *Família*, enquanto as figuras paternas (60,0%) dispersaram-se nos vários níveis desse mesmo campo, inclusive, em rompimentos. Representaram-se nove padrastos, ficando seis no último círculo, apenas um no nível mais próximo e um *ex-padrasto* no quarto nível. Citaram-se apenas duas madrastas em níveis distantes por conflitos com as respectivas enteadas.

Tabela 2. Distribuição estrutural do Mapa dos Cinco Campos segundo a frequência de pessoas e a primeira pessoa citada nos campos. Recife (PE), Brasil, 2010.

Pessoas no campo - Família			Pessoas no campo - Abrigo			Pessoas no campo - Rua					
N	%	M-DP*	N	%	M-DP*	N	%	M-DP*			
231	21,1	9,2 ± 7,5	281	25,6	11,2 ± 8,4	198	18,1	7,9 ± 5,5			
1ª pessoa citada			1ª pessoa citada			1ª pessoa citada					
Pessoa citada	N	%	Valor-p** < 0,001	Pessoa citada	N	%	Valor-p** < 0,001	Pessoa citada	N	%	Valor-p** 0,001
Mãe	14	56,0		Educador/a	13	54,2		Adulto	10	40,0	
Parente ^b	6	24,0		Adolescente	7	29,2		Adolescente	10	40,0	
Outra ^c	5	20,0		Outra ^d	4	16,6		Outra ^e	5	20,0	
Pessoas no campo - Escola ^a			Pessoas no campo - Amigos e Parentes ^a			Pessoas na Rede - Total					
N	%	M-DP*	N	%	M-DP*	N	%	M-DP*			
196	17,9	7,8 ± 7,4	190	17,3	7,5 ± 4,4	1096	100,0	43 ± 24,5			
1ª pessoa citada			1ª pessoa citada			1ª pessoa citada					
Pessoa citada	N	%	Valor-p** 0,001	Pessoa citada	N	%	Valor-p** 0,100	Pessoa citada	N	%	Valor-p** 0,064
Professora	13	59,1		Tia	7	30,6		Mãe	7	28,0	
Adolescente	6	27,3		Adolescente	5	21,7		Parente ^h	6	24,0	
Outra ^f	3	13,6		Avó	5	21,7		Adulto/a	4	16,0	
				Outra ^g	6	26,0		Outra ^h	8	32,0	

*Média e Desvio-padrão. **Qui-quadrado *for trend*. ***aCampos nem sempre preenchidos por todas as participantes. ^bAvó(1), irmã/o(2), sobrinha(2), pai(2), tia(1). ^cMarido 1), madrasta(1), Boneca Emília(1). ^dMédica(2), cozinheira(1), namorado 1). ^eNamorado(3), marido(1), primo(1). ^fDiretora, (1), servente(1), boneca(1). ^gPessoa adulta(3), conselheira(1), prima(1), boneca(1). ^hAvó(4), tia(2). ⁱAdolescente(2), educador(2), pai(1), padrasto(1), marido(1), boneca(1).

Mencionaram-se, quanto à qualidade dos relacionamentos (Item b da tabela 3), inter-relações satisfatórias especialmente nos campos *Família* (71,9%) e *Abrigo* (67,6%), ressaltando-se as insatisfatórias em *Rua* (43,9%), *Escola* (38,8%) e também *Abrigo* (32,4%), com diferenças com significação ($X^2=21,85$; $p < 0,001$).

Representaram-se, dentre os relacionamentos satisfatórios, mães, irmãos, filhos, parentes, alguns pais e um esposo, bem como as educadoras dos abrigos, uma conselheira tutelar e a médica. Citaram-se, também, amigos, adolescentes ou adultos, que as ajudavam nas ruas, o *compadre de fogueira* (costume nordestino das festas juninas), o “*cafetã*” (cafetão), uma boneca Emília e um cachorro. Lembraram-se pessoas falecidas: avós e mães, uma tia vítima de feminicídio pelo marido e uma amiga assassinada de forma cruel por traficantes.

Encontraram-se os relacionamentos negativos articulados a conflitos das adolescentes com familiares, com seus pares ou policiais, devendo-se a ciúmes, drogas, furto de pertences, disputas por namorado, destrato por conflitos com a lei e

por *bullying*, sem nenhuma intervenção dos professores.

Registrou-se, segundo os níveis de proximidade nos campos (Item c da tabela 3), a maior média de pessoas no primeiro nível (N1) do espaço *Família* ($4,2 \pm 2,5$), seguindo-se o N1 de *Abrigo* ($4,1 \pm 2,7$). Percebeu-se, no último nível (N5), correspondente aos rompimentos, a maior média de citações em *Rua* ($3,0 \pm 3,4$) e *Abrigo* ($2,7 \pm 3,9$). Verificou-se significância entre essas diferentes citações apenas em N1, conforme o teste não paramétrico de Kruskal Wallis ($F=11,573$; $p=0,02$).

Revelaram-se, segundo a ordem decrescente, os valores totais do Fator de Proximidade (item d), como se nota na tabela 3: no campo *Família* (130,5), ficando as mães e irmãos nos níveis mais próximos; *Abrigo* (116,9), com muitas citações de educadores nos primeiros níveis; *Escola* (113,1) e *Rua* (112,8), esta última com representações de adultos e adolescentes considerados amigos ou parceiros; por fim, *Amigos e Parentes* (108,0). Porém, o teste de Kruskal Wallis não indicou significação ($F=2,26$; $p=0,69$). Contempla-se, na figura 2, o MCC de duas participantes deste estudo.

Tabela 3. Distribuição funcional da rede socioafetiva conforme a qualidade dos relacionamentos, pessoas por nível de proximidade no campo e o Fator de Proximidade. Recife (PE), Brasil, 2010.

	Família		Abrigo		Rua		Escola		Amigos/Parentes		Rede/Total		Valor-p						
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%					
Qualidade dos relacionamentos																			
Satisfatórios	166	71,9	190	67,6	111	56,1	120	61,2	143	75,3	730	66,6							
Insatisfatório	65	28,1	91	32,4	87	43,9	76	38,8	47	24,7	366	33,4							
Total	231	100,0	281	100,0	198	100,0	196	100,0	190	100,0	1096	100,0							
	N	%	M-DP ^a	N	%	M-DP ^a	N	%	M-DP ^a	N	%	M-DP ^a	N	%	M-DP ^a	Valor-p			
Pessoas/Nível no campo DP ^a																			
Primeiro	106	25,5	4,2±2,5	102	24,6	4,1±2,7	62	14,9	2,4±1,5	75	18,1	3,0±3,6	70	16,9	2,8±2,4	415	100,0	83,0±17,7	0,02 ^c
Segundo	49	22,8	1,9±2,5	66	30,7	2,6±3,0	27	12,6	1,1±1,7	30	13,9	1,2±1,8	43	20,0	1,7±2,0	215	100,0	43,0±14,1	0,29 ^c
Terceiro	13	11,1	0,5±1,4	31	26,5	1,2±2,3	22	18,8	0,9±1,6	23	19,7	1,0±1,9	28	23,9	1,1±1,8	117	100,0	23,4± 6,2	0,61 ^c
Quarto	14	18,9	0,6±1,8	14	18,9	0,6±1,4	12	16,2	0,5±1,2	23	31,1	1,0±2,3	11	14,9	0,4±1,0	74	100,0	14,8±4,3	0,96 ^c
Quinto	49	17,8	2,0±3,0	68	24,7	2,7±3,9	75	27,3	3,0±3,4	45	16,4	1,8±3,4	38	13,8	1,5±2,7	275	100,0	55,0±14,1	0,22 ^c
Fator de proximidade																			
Mínimo		1,6		0		0					0			8,0					
Máximo		8,0		8,0		8,0		8,0		8,0		8,0		32,2					
M-DP ^a		5,2±2,0		4,7±2,3		4,5±2,5		4,5±2,9			4,3±2,4		23,2 ± 8,		0,69 ^c				
Total		130,5		116,9		112,8		113,1		108,0		581,3							

^a Média e Desvio-padrão. ^b Teste qui-quadrado. ^c Teste de Kruskal-Wallis.



Garota A: 12 anos
Fator de proximidade: 8



Garota B: 14 anos
Fator de proximidade: 38

Figura 2. Mapa dos cinco campos elaborado por duas adolescentes. Recife (PE), Brasil, 2010.

Verificou-se, conforme o teste de Correlação de Spearman, a não existência de correlação significativa do FP com idade ($r = -0,04$; $p=0,86$), tempo nas ruas ($r = -0,19$; $p=0,35$) e escolaridade ($r = -0,30$; $p=0,12$).

DISCUSSÃO

Identificaram-se, na ótica da Bioecologia Humana,⁵ importantes elementos da rede socioafetiva para a resiliência, tanto negativos quanto os positivos. Percebe-se a importância prática desse modelo bioecológico, permitindo-se evidenciar para além dos fatores de risco nos contextos do mapa.

Notou-se que o grupo pesquisado oferecia difícil acesso, com grande evasão do abrigo, explicando-se o limitado número de participantes. Registraram-se, entretanto, importantes conclusões sobre os elementos da rede socioafetiva, organizando-se conforme os preceitos da Bioecologia Humana.⁵

Ressaltou-se, no elemento *Pessoa*, que as adolescentes apresentavam características de alta vulnerabilidade: oriundas de famílias violentas; baixa escolaridade; abandono precoce do lar; diversas trajetórias em ruas e estradas e a maioria com atividades sexuais desprotegidas. Percebe-se que tais características são limitantes ao desenvolvimento da resiliência.

Verifica-se, em estudos com adolescentes de características semelhantes, que esse tipo de perfil, de fato, tem impacto negativo nas habilidades cognitivas e sociais, na saúde reprodutiva e mental, muitas vezes levando à depressão e ao suicídio, além de vitimação por múltiplas formas de violência, inclusive por milícias.^{4,8,13}

Notou-se que a maioria das participantes se autot classificou de cores parda e preta, resultado coincidente com a Primeira Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua,⁹ encontrando-se, em Pernambuco, o maior percentual (65,8%) de menores com mesma raça, cor e idade das adolescentes estudadas.

Relatou-se a violência doméstica, especialmente infringida pela mãe, como a principal causa de saída do lar. Encontram-se resultados semelhantes em outros estudos,¹⁴⁻⁶ corroborando a maior probabilidade de romper com a família quando existem comportamentos abusivos por parte dos responsáveis, especialmente da figura materna.

Pode-se pensar, então, que abandonar ambientes com excesso de miséria afetiva e material, riscos à morte real ou psíquica, funcionou como estratégia de enfrentamento (*coping*) às adversidades na população estudada. Encontram-se, na literatura especializada, outros autores concordantes com essa opinião.^{14,16}

Sabe-se que adolescentes vivendo nas ruas têm alta prevalência de envolvimento com psicoativos devido às disfunções psicológicas e à “economia de rua”, impulsionando-se ao tráfico de drogas.^{4,14,17-8}

Destacou-se, no estudo descrito, o uso de psicoativos em proporções maiores que no geral, especialmente tabaco, *crack* e maconha, fato coincidente com estudos nacionais sobre adolescentes na mesma situação de vulnerabilidade, onde se ressaltou aumento significativo da utilização de tabaco e *crack*.^{8,17} Pode-se supor que esse aumento se deve à maior disponibilidade das substâncias ou ao aumento dessa população nas ruas.

Percebeu-se, entretanto, baixa prevalência de ingestão de álcool em relação aos mesmos estudos,^{8,17} levando-se a pensar que se escolheram respostas socialmente mais aceitáveis por parte das participantes.

Perceberam-se, no elemento *processo* (inter-relações pessoais), importantes conflitos entre adolescentes e pais, servindo-se como modelos à transmissão transgeracional negativa de comportamento, ressaltando-se a violência doméstica, o uso de psicoativos e até o abandono do lar por mãe ou pai.

Pode-se inferir que as lacunas desses *processos proximais* se tornaram relevantes para as relações interpessoais fora do lar, com gradativa

assimilação de nova cultura e sentido de pertença a outros grupos, legitimando, então, a situação de rua, ao longo do *microtempo* e no *mesotempo*.

Entendeu-se que as adolescentes pesquisadas não mantinham vínculo familiar, exceto por raras visitas de mãe ou tia durante os abrigamentos. Encontraram-se resultados discordantes em estudos semelhantes, cujos adolescentes mantinham convivência com as famílias, em até mais de 50% de casos.^{15,17} Pode-se deduzir, portanto, quão intenso se apresentava o distanciamento afetivo parental no grupo estudado, consolidando-se a socialização nas vias públicas com total ruptura do contato com familiares.

Pontuou-se, em revisão sistemática e em outro estudo sobre adolescentes com elevada vulnerabilidade, ambos internacionais, a presença de violência sexual antes da evasão do lar, entre 40,0% a 60,0% dos casos.¹³⁻⁴

Observou-se, na pesquisa em pauta, que apenas oito garotas relataram abusos incestuosos. Pode-se conjecturar que tão baixa prevalência se vincule à banalização da violência contra a mulher, assimilada culturalmente como inerente ao gênero masculino, ou por negação da ocorrência, valendo-se do silêncio para a integridade das próprias vitimadas.

Encontra-se, em pesquisa de Cyrulnik,¹ estudioso francês sobre resiliência, que a negação de uma adversidade tem a finalidade de proteger a vítima, preservar sua imagem e dignidade, reforçando-se a possibilidade aventada.

Demonstrou-se a existência de estima e solidariedade para sobreviver ao relento, às violências e à fome, conforme os registros de *processos interpessoais* positivos entre as participantes e outros adolescentes ou adultos nas *Rua*, bem como os vínculos positivos com diversos profissionais durante a permanência nos abrigos. Construíam-se, portanto, relacionamentos afetuosos ao longo das trajetórias nos *microtempo* e *mesotempo*, inferindo-se que as garotas possuíam certas habilidades sociais positivas bases para a resiliência.

Ressalta-se, que adultos com papel de modelo positivo são bem-vistos, contribuindo para as competências sociais e o desenvolvimento resiliente, reforçando-se a conjectura mencionada.¹

Aponta-se que o elemento *contexto* sofre alterações dinâmicas para adolescentes institucionalizados, tornando-se o espaço *Abrigo* um *microsistema central* e incluindo-se as interações com a família de origem no *mesossistema*.¹⁹

Percebeu-se, de fato, uma variação na dinâmica dos campos *Família* e *Abrigo*, ora com maior representatividade de um, ora do outro contexto. Ressalte-se que se destacou a *mãe* enquanto primeira e mais citada pessoa em toda a

rede, apesar de mencionar-se a violência doméstica, especialmente perpetrada pela genitora, como principal motivo da evasão do lar.

Pode-se refletir que esse resultado incongruente se origine na idealização da figura materna e no desejo de ter um grupo familiar bem constituído ou pela existência de vínculos mais consistentes com pessoas substitutas, como tias, avós, outras adultas, prestando-se enquanto modelos positivos nos diferentes ambientes de trajetória.

Reforçam-se tais possibilidades com um estudo sobre resiliência em crianças e adolescentes separadas das famílias durante a guerra, apontando-se a reconstituição simbólica do pertencimento familiar por meio de vínculos com outros adultos, parentes e vizinhos, elaborando-se mentalmente outra referência em ambiente mais saudável.¹

Vislumbrou-se o espaço *Rua* como um *mesossistema* de incongruência funcional, compondo-se de inter-relacionamentos de proteção, com solidariedade e afeto, mas também com a negatividade da exploração sexual e de atos infracionais. Demonstrou-se, assim, que as adolescentes precisariam de competência social mais positiva quando nas vias públicas, lembrando-se a oportunidade para efetivas estratégias de socioeducação quando no, então, *microsistema Abrigo*.

Verificam-se, em trabalhos nacionais, detalhes sobre a difícil realidade dessas garotas nos espaços públicos,^{5,8,17} corroborando-se a importância de uma rede de apoio bem articulada e com estratégias voltadas ao empoderamento dos fatores positivos à resiliência.

Percebeu-se, nesse sentido, o fundamental papel dos profissionais nas instituições da rede, refletindo-se no maior número de relacionamentos satisfatórios no campo *Abrigo*, consequentes aos vínculos positivos com educadores, cozinheiras, psicólogas, médica e assistentes sociais.

Mostrou-se, no entanto, polarização também nesse espaço *Abrigo*, consequência das insatisfações por contendas e competições entre as próprias adolescentes, bem como pela ausência de atividades culturais e de ensino propiciador de renda em curto prazo. Postula-se, mais uma vez, a necessidade de programas com educadores bem habilitados, bons recursos de trabalho e interconexão com outros setores, como educação, cultura, saúde, justiça, para maior êxito da reeducação social e comportamental.

Evidenciou-se a importância dessa perspectiva intersetorial em revisão sistemática internacional, mostrando-se que adolescentes institucionalizados se aprimoram mais com ações embasadas na confiança, confidencialidade, não julgamento, priorizando-se as necessidades mais evidentes. Indicam-se, inclusive, diversas modalidades de psicoterapia nas estratégias de ressocialização -

comportamental, psicodinâmica, entrevista motivadora ou terapia familiar.²⁰

Confirma-se, também, o fundamento dessa abordagem intersetorial com estudos internacionais e nacional, destacando-se a necessidade de equipes bem engajadas em direitos humanos, articuladas com a atenção em saúde, com acesso à escola e interações familiares, não se podendo esquecer os deveres dos adolescentes institucionalizados. Constitui-se, portanto, um conjunto de ações com a finalidade de potencializar a resiliência.^{5-6,13}

Avaliou-se, na pesquisa descrita, o campo *Escola* como o de menor funcionalidade, encontrando-se abandono escolar devido especialmente à violência, inclusive *bullying*, e à ausência de intervenções adequadas. Vislumbram-se esses fatores como contribuintes do baixo nível de escolaridade do grupo, impondo-se limitação na resiliência.

Verificaram-se resultados semelhantes em estudos nacionais e em revisão sistemática internacional sobre adolescentes em situação de rua, percebendo-se baixa assiduidade e abandono escolar quando a interação professor-aluno se impunha sem reciprocidade afetiva ou quando não se realizavam intervenções adequadas.^{4,8,13}

Confirmou-se, também, a dimensão do relacionamento escola-estudantes vulneráveis com uma pesquisa internacional sobre garotas adolescentes em trajetórias nas ruas de Tel Aviv, Israel. Evadiram-se da escola aquelas com sentimentos de *sem-saída* por sofrer preconceitos de colegas, sem o devido apoio de professores.¹⁶

Encontraram-se, na pesquisa em pauta, relacionamentos mais satisfatórios nos campos *Abrigo* e *Família*, exaltando-se a importância da função acolhedora, da escuta diferenciada e de ações mediadoras para essas garotas no, então, *microssistema Abrigo*, fortalecendo-se os elementos da resiliência: melhora da autoestima; comunicação pela não violência e aproximação familiar. Mencionou-se, anteriormente, a possibilidade de idealização dos *processos proximais* no seio da família.

Destacaram-se relações interpessoais insatisfatórias especialmente em *Abrigo* e em *Rua*, representando-se, nesses espaços, os conflitos e confrontos, inclusive, com policiais, reflexos de vivências inadequadas desde o lar, com a não aceitação de limites e normas e a inserção na cultura violenta, que se perpetuavam nas vias públicas e nas instituições.

Assinala-se, em estudos nacionais, que esses indivíduos se desenvolvem em contextos de extrema vulnerabilidade desde o lar, naturalizando-se as reações violentas e percebendo-se as inadequações comportamentais de forma minimizada.²¹⁻²

Notou-se o elemento *Tempo* costurando as histórias, desde a desvinculação da família,

passando pela aquisição da identidade “em situação de rua”, nos relacionamentos interpessoais fugazes, nas evasões e retornos aos acolhimentos e na desvinculação da Escola (*microtempo* e *mesotempo*), além da transmissão transgeracional de comportamentos inadequados dos genitores, repetindo-se nas filhas - gestações precoces, abuso de psicoativos, violências, baixa escolaridade (*macrotempo*).

Refere-se à passagem do tempo como promotor da competência social, com a possibilidade de evolução a partir de vivências mais positivas.⁵ Reforça-se, no entanto, a necessidade de suporte institucional efetivo para fortalecer os potenciais das pessoas em alta vulnerabilidade.^{8,14,20}

Compreende-se, na figura 2, a diferença de qualidade das duas redes observando-se que, no maior número de *processos proximais* da adolescente A, se encontram muitos desafetos (níveis mais distantes dos campos), resultando no FP bem menor do que o da participante B. Pode-se imaginar a percepção mais positiva desta última quanto aos relacionamentos, produzindo-se uma rede com elementos supostamente mais benéficos à sua resiliência.

Explica-se a ausência de significância estatística em alguns resultados porque se analisou uma amostra limitada, refletindo-se em pouca força estatística. Pode-se pensar, mesmo assim, na memória afetiva de *processos proximais* antigos e no poder de novos e positivos laços para o empoderamento da resiliência ao longo dos *micro* e *mesotempo*.

Encontraram-se, como fatores limitantes da pesquisa, as dificuldades operacionais para alcançar uma amostra mais representativa e a não existência de grupo-controle para a comparabilidade, embora não se impossibilitaram os resultados sobre a rede socioafetiva e a influência na resiliência das garotas.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que a rede socioafetiva das adolescentes estudadas era disfuncional, mas se encontraram elementos positivos nas próprias adolescentes e nos contextos das trajetórias para o desenvolvimento da resiliência.

Desvendaram-se as maiores falhas na efetividade das atividades oferecidas nos abrigos e na articulação com outras instituições de apoio, ressaltando-se a ineficácia do campo escolar.

Vislumbraram-se, como elementos importantes à resiliência, os relacionamentos afetuosos nas ruas, o trabalho de educadores dedicados e o ideal das adolescentes em possuir família amorosa e funcionante.

Indicam-se estudos de abordagem qualitativa para ampliar o conhecimento sobre tal população. Recomendam-se, sobretudo, ações prementes para revitalizar a rede socioafetiva, evitando-se a cristalização da vida marginal dessas garotas.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se o acolhimento da diretora e demais funcionários do abrigo. Tem-se imensa gratidão pelas adolescentes, fonte de grande aprendizado, que ofereceram carinho e interesse ao participar da pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Cyrulnik B. La Science de l'Esprit. Comprendre la résilience avec psychologies [Internet]. 2018 Jan [cited 2018 May]. Available from: <https://fr.sott.net/article/31726-Comprendre-la-resilience-avec-Boris-Cyrulnik>
2. Brandão JM, Mahfoud M, Gianordoli-Nascimento IF. The construction of the concept of resilience in psychology: discussing the origins of resilience. *Paidéia*. 2011 May/Aug; 21(49):263-71. DOI: [10.1590/S0103-863X2011000200014](https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014)
3. Benetti IC, Crepaldi MA. Revisited resiliency: a reflexive approach for beginners in this issue. *Revista electrónica de investigación y docencia (REID)* [Internet]. 2012 Jan [cited 2018 Sept];7:7-30. Available from: <http://www.revistareid.net/revista/n7/REID7art1.pdf>
4. Morais NA, Raffaelli M, Koller SH. Resiliência e vulnerabilidade na vida de crianças e adolescentes em situação de rua. In: Morais NA, Neiva-Silva L, Koller SH. organizadores. *Crianças e adolescentes em situação de rua*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2010. p. 63-83.
5. Bronfenbrenner U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed; 2012.
6. Carvalho JMC, Yunes MAM. Reflections on the social support network as a mechanism for the protection and promotion of resilience. *Ambient soc*. 2014 July/Sept;17(3):135-54. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>
7. United Nations, Educational, Scientific and Cultural Organization. *Social and Human Sciences. Street children* [Internet]. Paris: UNESCO; 2017 [cited 2018 Dec 12]. Available from: <http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences>
8. Rizzini I, Princeswal M, Caldeira P, Bush M. A efetivação de políticas públicas no Brasil: o caso das políticas para crianças e adolescentes em situação de rua [Internet]. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 2011 [cited 2018 Aug 10]. Available from: <http://www.ciespi.org.br/media/Livros%20e%20Periodicos/Livros%20e%20periodicos%20pg%20/1efetivacao%20politicass%20publicas%20no%20brasil.pdf>
9. Meta Instituto de Pesquisa. *Primeira Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua* [Internet]. Rio de Janeiro: Meta Instituto de Pesquisa; 2011 [cited 2019 Apr 15]. Available from: <http://www.teleios.com.br/wp-content/uploads/2011/03/Pesquisa-Censitaria-Nacional-sobre-Crianças-e-Adolescentes-em-Situacao-de-Rua-Mar-2011.pdf>
10. Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União* [Internet]. 1990 July 13 [cited 2018 July 13]. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
11. Samuelsson M, Thernlund G, Ringström J. Using the five map to describe the social network of children: a methodological study. *Intern J Behav Develop*. 1996 June; 19(2):327-45. DOI: [10.1177/016502549601900206](https://doi.org/10.1177/016502549601900206)
12. Hoppe M. *Redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1998.
13. Woan J, Lin J, Auerswald C. The health status of street children and youth in low- and middle-income countries: A systematic review of the literature. *J Adolesc Health*. 2013 Sept; 53(3):314-21. DOI: [10.1016/j.jadohealth.2013.03.013](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.03.013)
14. Morewitz SJ. *Runaway and homeless youth. New research and clinical perspectives*. California: Springer; 2016.
15. *Direitos da Criança. Pesquisa do CONANDA aborda crianças em situação de rua* [Internet]. Brasília: CONANDA; [2018]. Available from: <https://www.direitosdacrianca.gov.br/migrados/pesquisa-do-conanda-revela-as-condicoes-de-vida-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-rua>
16. Peled E, Cohavi A. The meaning of running away for girls. *Child Abuse Negl*. 2009 Oct; 33(10):739-49. DOI: [10.1016/j.chiabu.2007.04.018](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2007.04.018)
17. Oliveira MAF, Gonçalves RMDA, Claro HG, Tarifa RR, Nakahara T, Bosque RM, et al. Profile of homeless children and teens drug users. *J Nurs UFPE on line*. 2016 Feb; 10(2):475-84. DOI: [10.5205/reuol.8557-74661-1-SM1002201613](https://doi.org/10.5205/reuol.8557-74661-1-SM1002201613)
18. Maria DS, Padhye N, Yang Y, Gallardo K, Santos GM, Jung J, et al. Drug use patterns and predictors among homeless youth: results of an ecological momentary assessment. *Am J Drug Alcohol Abuse*. 2017 Dec; 44(5):551-60. DOI: [10.1080/00952990.2017.1407328](https://doi.org/10.1080/00952990.2017.1407328)
19. Zappe JG, Yunes MAM, Dell'Aglio DD. Social images of families with children and adolescents: impact of socioeconomic status and institutionalization. *Pensando Fam* [Internet]. 2016 July [cited 2018 Aug 10]; 20(1):83-98. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100007
20. Noh D. Psychological Interventions for Runaway and Homeless Youth. *J Nurs Schol*. 2018 Sept; 50(5):465-72. DOI: [10.1111/jnu.12402](https://doi.org/10.1111/jnu.12402)

21. Rizzini I, Couto RMB. Children and adolescents on the streets: Main research themes in Brazil. *Civitas, Rev Ciênc Soc.* 2019 Jan/Apr; 19(1):105-2. DOI: [10.15448/1984-7289.2019.1.30867](https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30867)

22. Ministério dos Direitos Humanos, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente. Diretrizes nacionais para o atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua [Internet]. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos; 2017 [cited 2018 Aug 10]. Available from: http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2017/08/0344c7_4fe2ba1cd6854b649d45d71a6517f80d.pdf

Correspondência

Elizabeth Cordeiro Fernandes.
E-mail: betinha.azul@gmail.com

Submissão: 17/06/2019

Aceito: 23/10/2019

Copyright© 2019 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.

 Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.